



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7051 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT02 - História da Educação

**IDEAIS FEMINISTAS E AS DESIGUALDADES DE GÊNERO NO ACESSO À EDUCAÇÃO FORMAL NA BAHIA**

Claudia Andrade Vieira - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

**IDEAIS FEMINISTAS E AS DESIGUALDADES**

**DE GÊNERO NO ACESSO À EDUCAÇÃO FORMAL NA BAHIA**

## **INTRODUÇÃO**

Para compreender como se produziram as desigualdades de gênero na educação faz-se necessário recorrer ao passado, a um período em que a educação formal estava em um horizonte de possibilidades de poucos seguimentos sociais. Nas primeiras décadas do século XX, mulheres das camadas médias e altas da sociedade encontravam-se aprisionadas pelos rígidos papéis sociais de mãe-esposa-dona de casa que nem sempre correspondiam as suas aspirações. Os vestígios históricos nos mostram que o espaço escolar não foi “naturalmente” ocupado pelos diversos grupos sociais. Inicialmente, tais espaços foram concebidos para acolher alguns grupos. Já outros, a exemplo das mulheres, tiveram que abrir caminho e conquistá-lo lentamente. Assim sendo, a pergunta inicial, mais ampla desta pesquisa é como ocorreu o acesso das mulheres na educação formal, na Bahia? Em uma abordagem que articula os marcadores das desigualdades sociais de gênero, raça, classe e geração, pretende-se dar visibilidade ao processo histórico de luta das mulheres pelo acesso a educação formal.

Os anos 1930, particularmente, foram marcados por intensa mobilização de mulheres engajadas em torno da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), movimento feminista mais conhecido pela sua principal conquista: o voto. No entanto, o primeiro ponto da pauta de reivindicações do movimento é *promover a educação da mulher e elevar o nível de instrução feminina*.

Na Bahia, mulheres letradas, pertencentes das camadas médias e alta da sociedade baiana

passaram a defender publicamente o que acreditavam que era de direito. Na filial baiana da Federação, observa-se, na sua composição, mulheres privilegiadas pela sua condição social e financeira, situação que dava a elas a possibilidade de ampliar seus conhecimentos e aprimorar sua instrução, pois, naquele momento, estava sendo reconhecida e enfatizada a importância da sua tarefa na construção de uma sociedade mais “evoluída”. Para tal empreendimento, a atuação dessas mulheres – brancas, instruídas, pertencentes às camadas mais abastadas da sociedade – fazia-se imprescindível, não apenas no lar, na formação dos homens, mas na vida pública.

O objetivo desta comunicação é apresentar uma reflexão em torno do ideário educativo defendido pelas feministas baianas e seus interlocutores, em uma aproximação dos estudos de gênero com a história da educação. Nessa direção, pretende-se dar visibilidade às lutas históricas de mulheres engajadas pelo direito a educação formal na Bahia, nos anos 1930.

A pesquisa, em desenvolvimento, parte de uma bibliografia específica sobre o tema e da análise de fontes documentais diversificadas. A bibliografia sobre a educação das mulheres, no período em questão, aponta para destacadas pesquisas, a exemplo de HAHNER (2011), BESSE (1999), SOIHET (2012), ROSEMBERG (2012), LOURO (1990) e MATOS (2016). Na Bahia, ainda que pese a fecunda produção acerca da história da educação, pouco se sabe sobre as desigualdades de gênero e raça. Trata-se de uma história na qual se destacam os grandes homens, instituições, leis, eventos e datas. Sobre os sujeitos concretos desta história, em particular, as mulheres, pouco se sabe. Entre as pesquisas localizadas até o momento, destacam-se: LEITE (1997), LIMA (1996; 2006), PASSOS (1992; 1993; 1995), REIS (2000) e VIEIRA (2015).

A abordagem propõe uma combinação de diferentes escalas de observação e análise histórica em graus variáveis. Compatibilizar, no recorte micro os sinais e relações da totalidade social, e, por outro lado, nas sínteses, os indícios das particularidades da vida concreta de homens e mulheres. As fontes são impressas e diversificadas, constituída por uma documentação que compõe arquivo pessoal, a que vem sendo digitalizados no Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), na Biblioteca Pública do Estado da Bahia, além da documentação que compõe o banco de dados da pesquisa *Lutando contra a corrente: mulher e política na Bahia*, coordenado pela Profa. Ana Alice Alcântara Costa, do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre as Mulheres (NEIM), da UFBA. Trata-se de vestígios da memória feminina publicada pela Federação Bahiana pelo Progresso Feminino, obras e artigos localizados nos principais jornais que circularam nos anos 1930, a exemplo do Jornal *A Tarde*, *Diário da Bahia*, *Diário de Notícias*, *O Imparcial* e *O Conservador*.

A presente comunicação está estruturada em três partes: primeiro será apresentada uma revisão bibliográfica com alguns estudos acerca da educação das mulheres nas primeiras décadas do século XX, em um contexto mais amplo; em seguida, a análise documental da memória de mulheres militantes da Federação Bahiana pelo Progresso Feminino, com seus ideais feministas e concepções sobre a educação feminina, além das memórias de outros grupos de mulheres pouco conhecidas no período em questão; por fim, avaliar pluralidade de experiências de mulheres, de modo a abrir a historiografia existente acerca da história da educação para novas leituras históricas, cujas memórias de outros seguimentos sociais as desigualdades no acesso à educação formal..

**EDUCAÇÃO PARA TANGER “OS MALES” DA SOCIEDADE BRASILEIRA**

As mulheres aqui conclamadas são, principalmente, as privilegiadas pela sua condição social e financeira, situação que dava a elas a possibilidade de ampliar seus conhecimentos e aprimorar sua instrução pois, naquele momento, estava sendo reconhecida e enfatizada a importância da sua tarefa na construção de uma sociedade mais *evoluída*. Para tal empreendimento, a atuação dessas mulheres – brancas, instruídas, pertencentes às camadas mais abastadas da sociedade – fazia-se imprescindível, não apenas no lar, na formação dos homens, mas, na vida pública. A mulher, dotada de certas qualidades poderia *regenerar a sociedade*, através de campanhas pela *evangelização da paz e da caridade*, acreditavam elas. Todo o esforço de Edith Mendes da Gama e Abreu [1], como presidente da FBPF, foi no sentido de provar o quão imprescindível era a tarefa das feministas para formação dessa nova mulher e, conseqüentemente, dessa nova sociedade. E a educação foi considerada por ela um instrumento de fundamental importância para se *tanger os males da sociedade* (p. 66)

As pesquisas realizadas sobre esse movimento feminista dos anos 1930, mais conhecido como feminismo da “primeira onda”, é a ênfase que deram à conquista do voto. O sufrágio feminino foi elevado à condição de principal bandeira do movimento. Porém, o leque de reivindicações era bastante amplo e foi deixado nas sombras. Ele incluía, por exemplo, *eleva o nível de instrução feminina*. Para as feministas da FBPF, o feminismo era um problema da *justiça em solução* e o *ideal da benemerência em atividade*, que ele procura resolver a questão da mulher pela igualdade de direitos, baseando-se na equivalência dos sexos. Para melhor compreender os seus próprios direitos, entretanto, as mulheres precisariam ter um espírito formado pela *cultura moral e intelectual*. [2] Das frentes de atuação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – União Universitária [3], Liga Eleitoral Independente, Ala Moça e União Profissional – a Ala Moça foi a que galgou maior sucesso no seu desenvolvimento. Criada em 1935, destinada a incentivar as jovens no movimento feminista, o que implicava a elevação cultural das filiadas. As jovens da Ala Moça da FBPF eram incentivadas através de cursos oferecidos – como o de Matemática, Português, Correspondência Comercial, entre outros - com a finalidade de melhorar o nível de instrução e a cultura femininas.

O valor dado ao conhecimento também pode ser observado no ideal feminino presente nos discursos das militantes da Federação Bahiana como prova do potencial das mulheres. Os modelos apontados sobressaem pela profissão que exerceram e não pelos seus compromissos domésticos:

“(...) Talvez em Maria Quitéria, levando ao apice o seu heroísmo patriótico; em Joanna d’Arc, salvando a patria, em Ignez correndo ao martyrio, em Joanna Angelica resistindo assombrosamente à violabilidade do santuario no convento da Lapa e em outras tantas heroínas, como estas, immortalizadas na historia da humanidade não trazendo à baila as que por ahi vivem entre as brumas do silencio: Fraqueza intelectual? Absurdo que desvaneceriam os fulgores de uma Curie, de uma Claudel, de uma Sevigné, de uma Staël, de uma Bertraux, de uma Julia Lopes, de uma Amélia Rodrigues, de uma Pragner e de muitas mais, innumeraveis, mesmo, dado que medrassem na actualidade a antiquadas e erroneas opiniões de inferioridade de intelligencia feminina á masculina. Gloria nossa, a Sciencia ha demonstado inteira egualdade neste ponto. (...)” [4]

Edith Mendes da Gama e Abreu, desde muito jovem, mostra-se bem informada sobre os acontecimentos a sua volta, particularmente no que tange o universo feminino. Ela tinha conhecimento, por exemplo, da existência da médica baiana Dr<sup>a</sup> Francisca Pragner Fróes, caso raríssimo, na Bahia, de mulher que além de conseguir o diploma num curso superior, exerceu a sua profissão ativamente durante toda a sua vida.

## UM CORPO “SEM MENTE”

Se o movimento feminista da chamada primeira onda alcançou conquistas expressivas, a exemplo do sufrágio feminino, o acesso delas à mesma educação que os homens será uma luta de muitas e muitas décadas. Ademais, sem deixar de historicizar o fato histórico, percebe-se que o movimento nada fazia pela inclusão de mulheres negras e pobres, o que aponta para os limites do movimento. Como ocorreu o acesso das mulheres negras no espaço escolar?

Nos anos 1930, foram as entidades negras que, na ausência de políticas educacionais por parte das autoridades constituídas que passaram a oferecer escolas visando a alfabetizar os adultos e promover uma formação mais completa para as crianças negras. (GONÇALVES; SILVA, 2000, p. 140). A Frente Negra da Bahia foi um destacado movimento social lutou contra a discriminação, os padrões de desigualdade socioeconômica entre brancos e pretos, sendo os últimos mantidos na pobreza e desassistência. Para superar os padrões assimétricos, a Frente Negra apresentou como proposta a união das raças. Solidários, através da educação e da participação política. Os negros poderiam integrar-se no “Brasil civilizado” (BACELAR, 2008, p. 153). Entre as reivindicações, pautava a "defesa dos direitos e interesses da sua classe", a partir dos seguintes pontos:

1º Alfabetização, como um dos formidáveis factores da sua instituição, o que deve constituir a pedra angular de todas as organizações que se venham fundar no nosso Brasil.

2º O levantamento moral da raça, falha que vem da sua gênese, principalmente o que vem em relação à formação nobilíssima da família. Devemos mesmo trabalhar pela formação da elite da mulher negra [...]. O negro será ajudado, não lhe faltará a moeda para o sustento da sua família já legalmente constituída. Trabalho tampouco faltará pois é um dos pontos de maior cogitação nossa.(BACELAR, 2008, p. 145)

As mulheres negras, contudo, apresentam uma experiência histórica diferenciada dos homens negros, e o discurso clássico sobre a opressão da mulher não é o mesmo, qualitativamente falando, que o da opressão sofrida pelas mulheres brancas, assim como o efeito que ela teve e tem ainda na identidade das mulheres negras.

Intelectuais feministas negras vêm mostrando que a experiência das mulheres negras no acesso a educação deve ser analisada dentro das estruturas de dominação presente em suas vidas, que a dominam e ainda estão relacionadas ao período colonial, definidas e perpetuada em algumas posições sociais que foram estabelecidas durante o processo de escravização.

Beatriz Nascimento, em seu texto publicado originalmente no ano de 1975, assim sintetiza:

A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais as estruturas de dominação, como negra e como mulher, se vê, deste modo, ocupando os espaços e os papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão. A “herança escravocrata” sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. Seu papel como trabalhadora, a grosso modo, não muda muito. As sobrevivências patriarcais na sociedade brasileira fazem com que ela seja recrutada e assuma empregos domésticos, em menor grau nas indústrias de transformação, nas áreas urbanas e que permaneça como trabalhadora nas rurais. (...) Se a mulher negra hoje permanece ocupando empregos similares aos que ocupavam na sociedade colonial, é tanto devido ao fato de ser uma mulher de raça negra, como por terem sido escravos os seus antepassados. (NASCIMENTO, 2018[1975], p. 82)

É a partir dessa concepção historicamente constituída, segundo uma herança racista,

eurocêntrica e escravista que a mulher negra ocidental acaba por ser forjada enquanto um corpo sem mente, sendo esta uma representação que mesmo na contemporaneidade acaba por perpetuar o seu lugar na sociedade (hooks, 2017). Ainda segundo hooks (2017), a intelectualidade e os espaços acadêmicos são negados às mulheres negras desde suas infâncias, confinando-as em uma posição servil dentro da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os vestígios históricos nos mostram que o espaço escolar não foi “naturalmente” ocupado pelos diversos grupos sociais. Muito pelo contrário, a história tem mostrado que tais espaços foram concebidos para acolher alguns grupos. Já outros tiveram que abrir caminho e conquistá-lo muito lentamente. A pesquisa documental encontra-se em andamento. Após a conquista do voto feminino houve uma retração no movimento feminista, ainda que muitas militantes tivessem a clareza de que a luta contra as desigualdades só estava começando. Na sequência dos fatos, houve o fechamento dos canais democráticos com a ascensão de Getúlio Vargas à presidência.

A análise documental de fontes impressas realizada a partir de uma abordagem interseccional permite dar visibilidade ao longo processo de lutas das mulheres para o acesso à mesma oportunidade de educação que os homens brancos e das elites. E que as desigualdades estruturais apontam para processos mais longos que outros, a exemplo das mulheres negras.

A partir dessa constatação, a pesquisa caminha, nesse momento, para uma ampliação do recorte temporal estudado e para a diversificação das fontes, no intuito de acessar as memórias de outros grupos de mulheres, especialmente, das mulheres negras, das classes mais populares. Memórias que permitam apreender a pluralidade de experiências de mulheres e escapar do discurso normativo, do institucional, do prescrito, de modo a abrir novas leituras históricas sobre as desigualdades no acesso à educação formal.

**Palavras-chave:** História da Educação; História das mulheres; Memórias; Relações de gênero; Raça.

## REFERÊNCIAS

BACELAR, Jeferson. A Frente Negra Brasileira na Bahia. *In*: BACELAR, Jeferson. **A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador**. Rio de Janeiro: Pallas, 2008. P. 143-157.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 1 sem. 2002. <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>.

GONÇALVES, Luis Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento negro e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 15, Rio de Janeiro, 134-158, Set-Dez, 2000.

HAHNER, June E.. Escolas mistas, escolas normais: a coeducação e a feminização do magistério no século XIX. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 467, jan. 2011. ISSN 1806-9584. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200010>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LOURO, G. L.. **A História (oral) da Educação**: algumas reflexões. Em Aberto, Brasília, V. 9, N.47, p. 21-28, 1990. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1781/1752> Acesso em: 07 abr. 2019.

LEITE, Márcia Maria da Silva. **Educação, cultura e lazer das mulheres de elite em Salvador, 1890-1930**. Dissertação (Mestrado em História) - Salvador, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 1997. Disponível em: <[http://www.ppgh.ufba.br/IMG/pdf/Educacao\\_Cultura\\_e\\_Lazer\\_das\\_Mulheres\\_de\\_Elite\\_em\\_S\\_1930.pdf](http://www.ppgh.ufba.br/IMG/pdf/Educacao_Cultura_e_Lazer_das_Mulheres_de_Elite_em_S_1930.pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2012.

LIMA, Marta Maria Leone. **Ingresso das mulheres no magistério da Bahia: o resgate de uma história**. Tese (Doutorado em Educação) - Salvador, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2006. 181p.

LOURO, G. L.. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 3a edição. São Paulo, Contexto, 2000. P. 443-481.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição**. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

REIS, Adriana Dantas. **Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX**. Salvador: FCJA; Centro de Estudos Baianos da UFBA, 2000.

ROSEMBERG, FÚLVIA. **Mulheres educadas e a educação de mulheres**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Org.) *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. P. 333-359.

PASSOS, Elizete Silva. **A educação das virgens: um estudo do cotidiano do Colégio Nossa Senhora das Mercês**. Rio de Janeiro: Universitária Santa Úrsula, 1995. 304p.

PASSOS, Elizete Silva. **Mulheres moralmente fortes**. Salvador: Gráfica Santa Helena, 1993. 148p.

PASSOS, Elizete Silva. **O feminismo de Henriqueta Martins Catharino**. 1992. 76p.

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Org.) **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. P. 218-237.

VIEIRA, Claudia A. **História das Mulheres: feminismo e política na Bahia**. Simões Filho, Ba: Editora Kallango, 2015. (Coleção Bahia Plural).

---

[1] Edith Mendes da Costa nasceu em 13 de outubro de 1898, na cidade de Feira de Santana, Bahia. Filha de Maria Augusta Falcão Mendes da Costa e João Mendes da Costa, coronel da Guarda Nacional e prefeito da cidade entre janeiro de 1931 e maio de 1933. Coursou o pedagógico no Educandário dos Perdões, atual Educandário do Sagrado Coração de Jesus em Salvador, recebendo diploma de professora em 1915.

[2] FEDERAÇÃO BAHIANA PELO PROGRESSO FEMININO. Livro de Atas, 28 abr. 1937

[3] A União Universitária Feminina, fundada inicialmente no Rio de Janeiro, dia 13 de janeiro de 1929, destinava-se a: *Coordenar os esforços das mulheres diplomadas ou matriculadas em Universidades e Escolas Superiores, no sentido de auxiliarem-se mutuamente na carreira, defenderem os interesses femininos nas profissões liberais, desenvolverem a intelectualidade feminina brasileira e colaborar na solução dos problemas relacionados com o progresso nacional.* FEDERAÇÃO BAHIANA PELO PROGRESSO FEMININO. *Seus Fins*. Bahia, Oficinas Graphics d' "A Luva", 1931. P. 11 – 12. Na Bahia, a União Universitária foi fundada junto a filia baiana da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, em abril de 1931. FBPF. Livro de Atas, 22 dez. 1931.

[4] ABREU, Edith Mendes da Gama e. *A Mulher*. Feira de Santana, 8 de fev. de 1914. Fls. 3-4 (Texto manuscrito apresentado no Grêmio Literário Rio Branco).